
DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: uma análise qualitativa das práticas e perspectivas político-pedagógicas.

Kátia Legiber¹
Karina Melo Leão²

RESUMO

Este estudo concentra-se nas dinâmicas da educação brasileira, destacando particularmente o letramento. Explora-se o desenvolvimento do letramento, examinando suas dificuldades e conquistas. A pesquisa analisa as relações político-pedagógicas entre os conceitos de alfabetização e letramento, visando a formação do cidadão crítico. Uma atenção especial é dedicada aos modos de funcionamento da escola no processo de aprendizagem e ensino, fundamentando-se na teoria da enunciação de Bakhtin. Ao investigar a educação brasileira, o estudo identifica desafios enfrentados e progressos alcançados no contexto do letramento. A análise das relações entre alfabetização e letramento destaca a importância de formar cidadãos críticos, capazes de compreender e analisar o mundo ao seu redor. A teoria da enunciação de Bakhtin serve como base para examinar a dinâmica do aprender-ensinar na escola, proporcionando insights sobre a interação entre linguagem, educação e formação crítica. O trabalho visa contribuir para o aprimoramento do sistema educacional, promovendo reflexões sobre práticas pedagógicas e estratégias eficazes de letramento.

Palavras-chave: Letramento; Alfabetização; Educação; Bakhtin.

ABSTRACT

This study focuses on the dynamics of Brazilian education, particularly highlighting literacy. The development of literacy is explored, examining its difficulties and achievements. The research analyzes the political-pedagogical relationships between the concepts of literacy and literacy, aiming at the formation of critical citizens. Special attention is dedicated to the ways in which the school operates in the learning and teaching process, based on Bakhtin's theory of enunciation. By investigating Brazilian education, the study identifies challenges faced and

¹Pós-graduada em Alfabetização e Letramento pela Faculdade Famart. Endereço de e-mail: edmilsonkatia07@gmail.com.

² Professora orientadora do estudo e do artigo. Professora dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação lato sensu da Faculdade Famart – Itaúna-MG. Graduada em Ciências, Matemática e Pedagogia. Mestre em Educação.

progress made in the context of literacy. The analysis of the relationships between literacy and literacy highlights the importance of forming critical citizens, capable of understanding and analyzing the world around them. Bakhtin's theory of enunciation serves as a basis for examining the dynamics of learning-teaching in school, providing insights into the interaction between language, education and critical formation. The work aims to contribute to the improvement of the educational system, promoting reflections on pedagogical practices and effective literacy strategies.

Keywords: Literacy; Literacy; Education; Bakhtin.

1 INTRODUÇÃO

Podemos introduzir este artigo tratando sobre os dados estatísticos no Brasil sobre a alfabetização, em 1890, o percentual de analfabetos no Brasil era de 85% e, na passagem do século XIX para o século XX, havia diminuído para 75% (cf. RAMOS, 2001, p.49), números preocupantes se modificando lentamente ao longo do século XX (GOULART, 2010). Os dados do INAF - Indicador de Alfabetismo Funcional período 2011-2012, entretanto, já possibilitam a mudança de referência - do percentual de analfabetos passa a referir-se à população alfabetizada funcionalmente, que passa de 61%, em 2001, para 73%, em 2011. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais caiu de 6,1% em 2019 para 5,6% em 2022, redução de pouco mais de 490 mil analfabetos no país, chegando a menor taxa da série, iniciada em 2016.

Segundo a coordenadora de Pesquisas por Amostra de Domicílios do IBGE, Adriana Beringuy:

O analfabetismo segue em trajetória de queda, mas mantém uma característica estrutural: quanto mais velho o grupo populacional, maior a proporção de analfabetos. Isso indica que as gerações mais novas estão tendo maior acesso à educação e sendo alfabetizadas ainda crianças, enquanto permanece um contingente de analfabetos, formado, principalmente, por pessoas idosas que não acessaram à alfabetização na infância/juventude e permanecem analfabetas na vida adulta.

Um comentário pertinente, no entanto, nos faz refletir sobre a população mais velha e claro a população de zonas menos favorecidas, cabe ainda ressaltar que por mais que as crianças estejam recebendo essa alfabetização não são todas as crianças que possuem a condição de estar em uma escola para adquirir e exercitar esse conhecimento. É importante falarmos da estrutura que recebe essas crianças, começamos por meados do século XX que é

quando as escolas recebem uma ampliação estrutural aumentando assim as redes escolares e consequentemente a quantidade de vagas para matrículas, se observarmos no século XXI no ano de 2023 temos casos de pais que ficam em filas para disputar vagas para seus filhos em idade escolar. É de suma importância relatar isso, afinal se pararmos para analisar acesso à educação é um direito de todos os cidadãos.

Para adentrarmos ao tema do letramento é importante começarmos de quando ele se iniciou via um processo de buscar caminhos para enfrentar o desafio de alfabetização e aprofundar o entendimento tanto de fundamentos teóricos quanto de diretrizes para o processo de alfabetização, surge o conceito de letramento em meados da década de 1980. O conceito recebeu destaque no cenário educacional brasileiro a partir da década de 1990. Estudos de Soares (1998) e Kleiman (1995) são representativos dessa época, embora tratem o conceito de modo diferente. O estudo de Soares é o que mais influencia propostas educacionais e pesquisas³, apresentando-o de forma ampla, podemos dizer que o conceito é revisitado para ressaltar uma dimensão fundamental do processo de alfabetização que, tem ficado obscurecida: o valor social da aprendizagem da escrita, os usos e funções sociais desta modalidade de linguagem.

Considerarmos os estudos e noções teóricas sobre o letramento é fundamental, no entanto, qual a pertinência político-pedagógica do mesmo? Acredito que seja de suma importância debatermos isso levando em consideração que somos seres críticos e políticos. Tendo esses pontos em mente podemos dar continuidade em nossa discussão permeando não apenas a alfabetização como também o letramento e como se dá a sua importância político-pedagógica.

2 DESENVOLVIMENTO

Ao falarmos de alfabetização e seus níveis podemos antes de mais nada abarcar os níveis de alfabetização tidos pelo INAF que define quatro níveis de alfabetismo, em linhas gerais, sendo apresentados como: analfabetismo - corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases; nível rudimentar - corresponde à capacidade de localizar uma informação explícita em textos curtos e familiares (como, por exemplo, um anúncio ou pequena carta); nível básico - as

³ Não iremos focar nas diferenças entre os estudos, dadas as limitações de espaço do artigo.

pessoas classificadas neste nível podem ser consideradas funcionalmente alfabetizadas, pois já leem e compreendem textos de média extensão, localizam informações mesmo que seja necessário realizar pequenas inferências; nível pleno - classificadas neste nível estão as pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar textos em situações usuais: leem textos mais longos, analisando e relacionando suas partes, comparam e avaliam informações, distinguem fato de opinião, realizam inferências e sínteses.

Ao pararmos para analisar historicamente, quando a escrita adentra na vida do Homem ele passa a ser um ser que além de registrar de forma escrita⁴ se torna ser político, pois a partir da inserção da escrita e leitura na história da humanidade os seres humanos encontram uma nova forma de se comunicarem e organizarem suas comunidades mais tarde chamadas sociedades. Hoje, ao falarmos de pessoas que não possuem a leitura ou a escrita como parte de suas habilidades, estamos falando de uma pessoa que segundo o senso comum é alguém “humilde” ou “ignorante”, mas, na verdade, se deixarmos de olhar por tons pejorativos, notamos que pessoas que não possuem uma boa leitura e nem a escrita são pessoas suscetíveis a situações que para muitos pode ser considerada boba. Um exemplo claro disso é falarmos sobre golpes aplicados em pessoas mais velhas e até mesmo em jovens, muitos jovens caem nos golpes que segundo o senso comum apenas os “ignorantes” cairiam, no entanto, o temos notado cada vez mais como os jovens possuem uma lacuna na leitura e conseqüentemente na sua interpretação de muitas coisas.

Falamos de alfabetização não é apenas trazer os dados apontando as dificuldades, mas falar da qualidade de alfabetização também tem se feito necessário. Analisando o ambiente escolar podemos notar alunos que não estão apenas preocupados com o aprender e desenvolver suas habilidades na escola, até porque sabemos que o currículo não permite que os alunos desenvolvam habilidades para além das impostas no mesmo, fazendo com que o ensino se torne massivo e entediante para os alunos gerando assim o desinteresse⁵, tal desinteresse afeta não apenas uma disciplina fundamental e sim todas elas, pois, estão interligadas.

⁴ É importante falarmos sobre o registro da história via pinturas nas paredes de cavernas e em locais que fossem propícios para o desenho/pintura. Sobre pintura rupestre ver no artigo *A ARTE RUPESTRE EM PERSPECTIVA HISTÓRICA: UMA HISTÓRIA ESCRITA NAS ROCHAS*. Texto oriundo do primeiro capítulo da tese do doutorando Gabriel Frechiani de Oliveira, no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, na Universidade Federal de Sergipe, com algumas modificações e edições. Disponível na Rev. Arqueologia Pública, Campinas, SP v.11 n.1 p.130 julho/2017 ISSN 2237-8294

⁵ É importante falar que o foco do artigo não é a discussão que permeia o currículo, no entanto, o currículo está presente em muitas discussões para além daquela que o foco é ele mesmo.

É válido ressaltarmos ainda o espaço em que a escrita ocupa, sendo ele um espaço político-social de forma tão contundente, colocando-a em destaque na vida dos sujeitos, inscrevendo-os e atribuindo-lhes valor, ainda que muitas vezes os sujeitos não notem. A escrita atravessa a vida social, as vidas particulares, de várias maneiras, sendo responsável por marcá-las via registros gráficos, misturados a imagens e números, na arte, no direito e na política, entre outras áreas. E também por meio de materialidades e textualidades dos discursos (GOULART, 2010), em que a palavra se traduz como gêneros e linguagens sociais, e ainda por meio de emaranhados de outros signos sociais, não linguísticos. A escola em especial o processo contínuo de alfabetização e de trabalho com a linguagem são valiosos para vermos e vivermos a transformação ideológica que é “justamente um conflito tenso no nosso interior pela supremacia dos diferentes pontos de vista verbais e ideológicos, aproximações, tendências, avaliações” (BAKHTIN, 1998, p.146).

Goulart ressalta a necessidade de adentrarmos em fatores biográficos e biológicos ligados à ideologia do cotidiano e se formos voltar nosso olhar para um viés um pouco mais histórico, podemos relacionar esses fatores com a consciência histórica ⁶de cada criança, é bom ressaltarmos que esse termo para um professor de história significa que se deve levar em consideração o conhecimento prévio que a criança traz para as aulas. Quando falamos de letramento e do que Goulart ressalta é sobre a linguagem e escrita que a criança já possui previamente antes de adentrar na escola.

Voltando a falar propriamente do letramento e alfabetização em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin/Volochinov (1988), apresentando o estudo sobre as relações entre língua, fala e enunciação, abordando o ensino de línguas vivas, chama atenção para algo importante:

(...) A palavra isolada de seu contexto, inscrita num caderno e apreendida por associação com seu equivalente russo, torna-se, por assim dizer, sinal, torna-se uma coisa única e, no processo de compreensão, o fator de reconhecimento adquire um peso muito forte. Em suma, um método eficaz e correto de ensino prático exige que a forma seja assimilada não no sistema abstrato da língua, isto é, como uma forma sempre idêntica a si mesma, mas na estrutura concreta da enunciação como um signo flexível e variável. (p.94-95, nota de rodapé).

É o movimento da forma linguística que caracteriza o signo, e não identidade como signo, como elemento de linguagem. Segundo o autor, a linguagem como sistema de

⁶ Sobre a Consciência Histórica ler: OS CONCEITOS DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E OS DESAFIOS DA DIDÁTICA DA HISTÓRIA de Luis Fernando Cerri. Professor do Departamento de História da UEPG e Doutor em Educação; lfcferri@uepg.br. Disponível em: Revista de História Regional 6(2): 93-112, Inverno 2001.

formas nos distancia da realidade viva da linguagem e de suas funções sociais. A pessoa não aceita a linguagem pronta para uso, ela penetra no fluxo da comunicação verbal: “ou melhor, somente quando emerge nesse fluxo, sua consciência desperta e começa a funcionar” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988, p.108). Zandwais (2011), Bakhtin, nos auxilia na reflexão acerca do trabalho com a linguagem escrita na escola, quando afirma que as palavras:

enquanto meras propriedades do repertório lexical, iludem, porquanto não são condição suficiente para ‘corporificar’ os sentidos. Exclusivamente por meio delas, podemos deixar escapar os acontecimentos a que remetem, a memória histórica a que fazem referência (ZANDWAIS, 2011, p.9).

Como podemos perceber, a linguagem escrita permeia não somente uma necessidade de comunicação atual, mas ao adentrarmos em todas suas funções podemos novamente recorrer à história, afinal a escrita faz parte de uma área documental e de registros importantes para os historiadores, como coloca March Bloch (2001, p. 79) “Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele...”. Bloch vem agregar para a comunidade de historiadores não apenas uma nova forma de olhar para as fontes históricas como também a possibilidade de se trabalhar com diferentes tipos de fontes não tendo a necessidade exclusiva das mesmas estarem em um documento escrito. Uma visão que nos traz não apenas o questionamento da importância da escrita, mas também como ela influencia a vida dos seres humanos desde sua propagação.

Atualmente falarmos de taxas de analfabetismo não apenas em crianças e adolescentes como também em pessoas mais velhas é trazer uma discussão que por muito é evitada. A discussão da importância não só da escola como também de uma estrutura ofertada pelo Estado, sabemos que não muito distante de 2023, muitas pessoas tinham que largar seus estudos para trabalhar e ajudar em casa, contribuindo assim para o aumento da taxa de analfabetismo no Brasil.

A alfabetização e letramento é algo que se faz fundamental para nossa sociedade não apenas para o viés de agregar conhecimento e permitir que as pessoas vivam na sociedade, no caso do letramento ele ultrapassa as convenções temporais ou pedagógicas, presente nos currículos escolares e em processos letivos, sendo eles semestrais ou anuais. Vale enfatizar que todos estão envolvidos em dinâmicas cotidianas, sejam elas sociais,

culturais, intelectuais e históricas, que exigem diversas habilidades e competências para lidarmos com diferentes eventos de letramento.

3 CONCLUSÃO

Caminhando para o fim da presente discussão sobre alfabetização e letramento na educação brasileira é valioso aqui ressaltarmos a importância dos professores alfabetizadores na base de nossa educação, utilizar de suas habilidades para sanar uma necessidade da sociedade é algo para além de honroso, mas sim uma atitude de amor para com suas habilidades e com sua sociedade. O letramento possibilita a fluência leitora, produção de pequenos a grandes textos, compreensão de diversos gêneros textuais presentes no cotidiano da humanidade, fazendo assim com que a criança alfabetizada se torne não só alfabetizada como também uma entendedora do mundo ao seu redor.

Encerrando o artigo cabe ainda salientar a importância do Estado brasileiro para a execução de seu currículo educacional, e para a formação de profissionais capazes e dispostos a trabalhar com a base educacional, preparando nossas crianças para a sociedade e não só as crianças, mas também os adultos que desejam iniciar/finalizar sua alfabetização e letramento, trabalhando não apenas com as crianças, mas também com a Educação de Jovens e Adultos (EJA)⁷.

Que a educação brasileira continue sendo uma educação acima de tudo persistente em seus alunos, incentivando e lutando da melhor forma possível para o melhor dos alunos, caminhando lado a lado de cada aluno e sua família e principalmente participando ativamente da comunidade em que está inserida, tornando a educação cada vez mais acessível e acessada.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 4ª. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.

⁷ Sobre o EJA, visite o site do estado de Minas Gerais para mais informações sobre cada região do estado.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In BAKHTIN, M. Questões de literatura e de estética. A teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni, José Pereira Jr et al. 4ª ed. São Paulo: Unesp: Hucitec, 1998 [Original russo, 1924].

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BLOCH, Marc. Apologia da história, ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 79.

BRANDÃO, Z., BAETA, A., COELHO DA ROCHA, A. A escola em questão: evasão e repetência no Brasil. Rio de Janeiro: Achiamée, 1982.

BRANDÃO, Z. (Org). Democratização do Ensino: meta ou mito? Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

BRITTO, L. P. L. In: CORREIA, D. A.; SALEH, P. B. de O. (orgs), Práticas de letramento no ensino: leitura, escrita e discurso. 2008, São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa, PR: UEPG.

DAROS, T. M. V. Os sentidos atribuídos à linguagem escrita por crianças do primeiro ano do ensino fundamental. 2014, 138 p., Dissertação (Mestrado em Educação), UNIOESTE, Cascavel.

GOULART, C. M. A. Letramento e polifonia: um estudo de aspectos discursivos do processo de alfabetização. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 18, p. 5-21, set./dez. 2001.

GOULART, C. M. A. Uma abordagem bakhtiniana da noção de letramento: contribuições para a pesquisa e para a prática pedagógica. In: FREITAS, M. T.; SOUZA, S. J.; KRAMER, S. (Orgs.) Ciências Humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003b, p. 95-112. (Coleção Questões de Nossa Época)

GOULART, C. M. A. et al. Processos de letramento na infância: modos de letrar e ser letrado na família e no espaço educativo formal. Relatório final de pesquisa. Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, CNPq, dezembro de 2005.

GOULART, C. M. A. Letramento e modos de ser letrado: discutindo a base teórico-metodológica de um estudo. Revista Brasileira de Educação, v. 11, n. 33, p. 450-460, set/dez. 2006.

GOULART, C. M. A. Processos de letramento na infância: aspectos da complexidade de processos de ensino-aprendizagem da linguagem escrita. In: SCHOLZE, L. e RÖSING, T. M. K. (Org.). Teorias e práticas de letramento. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007, p. 61-82.

GOULART, C. M. A. Cultura escrita e escola: letrar alfabetizando. In: MARINHO, Marildes e CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Org.). Cultura escrita e letramento. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010, p. 438-456.

GOULART, C. M. A. Alfabetização, discurso científico e argumentação. In: LEITÃO, S. & DAMIANOVIC, M. C. Argumentação na escola: o conhecimento em construção. São Paulo: Pontes, 2011, p. 129-151.

INAF Brasil 2011. Indicador de alfabetismo funcional. Principais resultados. Relatório. Instituto Paulo Montenegro; Ação Educativa; IBOPE Inteligência, São Paulo, 2012.

KONDER, L. Walter Benjamin: o marxismo da melancolia. São Paulo: Campus, 1988.